

Gustavo Noronha Silva

Clássicos da Sociologia:
Marx, Durkheim e Weber

Universidade Estadual de Montes Claros / UNIMONTES

abril / 2003

Gustavo Noronha Silva

Clássicos da Sociologia:
Marx, Durkheim e Weber

Trabalho apresentada à disciplina Sociologia
I do curso de Ciências Sociais da Universi-
dade Estadual de Montes Claros
Orientador: Prof. Lúcio Flávio

Montes Claros

abril / 2003

Clássicos da Sociologia: Marx, Durkheim e Weber

Gustavo Noronha Silva¹

Karl Marx

Karl Marx trabalha em suas obras com o conceito de dialética. Para Hegel a relação entre o particular e o universal forma a unidade dialética, e a cadeia se auto-cria a partir de uma idéia que é montada, aplicada, modificada e aplicada novamente. Virando a teoria idealista de Hegel pelo avesso, Marx acredita ser o iniciador da cadeia não o ideal, mas o prático.

Marx acredita que o mundo é resultado de ação humana e propõe que “Os filósofos limitaram-se a interpretar o mundo de distintos modos, cabe transformá-lo.” (MARX, citado por OLIVEIRA; QUINTANEIRO, 2002: 30). Ele acredita que, longe de ser apenas a história do desenvolvimento do espírito, como pensa Hegel, a história da humanidade deve ser o ponto de partida para o conhecimento do mundo:

... os indivíduos reais, a sua ação e as suas condições materiais de existência, que se trate daquelas que encontrou já elaboradas quando do seu aparecimento, quer das que ele próprio criou (...) A primeira condição de toda a história humana é, evidentemente, a existência de seres humanos vivos. (MARX, citado por OLIVEIRA; QUINTANEIRO, 2002: 31)

Os homens, quando produzem suas necessidades, criam normas e modos de fazer e agir, além de outras necessidades para si e para o mundo. Essa capacidade de reprodução, que é própria do ser humano portanto, “é um produto histórico que depende em grande parte do grau de civilização alcançado” (MARX, citado por OLIVEIRA; QUINTANEIRO, 2002: 33).

A estrutura de uma sociedade é dependente do estado de desenvolvimento de suas *forças produtivas* e das *relações sociais de produção* correspondentes. O conceito de forças produtivas diz respeito à ação dos indivíduos sobre a natureza. Marx assinala que os homens “não são livres árbitros de suas forças produtivas — base de toda sua história — pois toda força produtiva é (...) produto de uma atividade anterior” (MARX, citado por OLIVEIRA; QUINTANEIRO, 2002: 34).

As relações sociais de produção dizem respeito ao modo como os homens se organizem entre si para produzir: as formas de apropriação das ferramentas e outros meios usados na produção, os mecanismos de tomada de decisão e de distribuição da riqueza gerada.

¹Aluno do 1º período de Ciências Sociais

Em sociedades em que existem classes sociais, como exemplo, há um acesso diferenciado ao produto e aos meios para produzi-lo. A distribuição das riquezas é, segundo as autoras, antes de mais nada a distribuição dos instrumentos de produção e a distribuição dos membros da sociedade pelos diferentes gêneros de produção.

Tendo esses conceitos em mente, Marx define que o conjunto das forças produtivas e relações sociais de produção de uma sociedade são sua *base*². É sobre essa base que se a sociedade constrói as instituições políticas e sociais. Estas formam a *superestrutura*³:

... A consciência nunca pode Ser mais que o Ser consciente, e o Ser dos homens é o seu processo da vida real... Assim, a moral, a religião, a metafísica e qualquer outra ideologia, tal como as formas de consciência que lhe correspondem, perdem imediatamente toda aparência de autonomia. ... (MARX e ENGELS, citados por OLIVEIRA; QUINTANEIRO, 2002: 37)

A sociedade evolui sua base e superestrutura dialeticamente. Conforme a base, expressa no conceito de *modo de produção* se modifica, gera também mudanças na superestrutura. Marx não quer, com isso, dizer que o progresso das sociedades é linear e imutável, nem que a base é o único fator de mudança, mas sim que “as formas políticas da luta de classes e seus resultados, as Constituições (...), as formas jurídicas (...) exercem igualmente a sua ação sobre o curso das lutas históricas e, em muitos casos, determinam predominantemente sua forma ...” (ENGELS, citador por OLIVEIRA; QUINTANEIRO, 2002: 39).

Marx constata a existência de classes na sociedade, e afirma que a luta entre elas leva necessariamente à ditadura do proletariado, que deverá por fim à divisão em classes. Analisando especialmente o capitalismo em sua obra, Marx define conceitos de análise importantes, como a *mercadoria*, forma assumida pelos produtos e pela própria força de trabalho, *valor de uso*, e *valor de troca*, e *tempo de trabalho socialmente necessário*.

Para Marx no capitalismo o mercado é o centro das relações sociais de produção. É no mercado que a força de trabalho é comercializada como mercadoria. Durante a produção, o trabalhador excede o *tempo de trabalho necessário*, que é o necessário para produzir o equivalente ao seu salário, gerando assim *tempo de trabalho excedente*, que cria riqueza para o dono dos meios de produção, a *mais-valia*.

Segundo Marx, no capitalismo o trabalhador é alienado pelo próprio processo de

²Também chamada estrutura ou infra-estrutura

³Ou supra-estrutura

produção e reprodução. O produto do trabalho é sempre alheio ao trabalhador. A vida produtiva é apenas uma obrigação a ser suprida para garantir a sobrevivência. O trabalhador não tem consciência do seu próprio papel na sociedade. A mercadoria tem um caráter fetichista:

... o que interessa na prática aos que intercambiam produtos é saber quanto obterão em troca deles, isto é, a proporção em que se intercambiam entre si. Quando esta proporção adquire certa estabilidade habitual, parece-lhes proveniente da natureza mesma dos produtos do trabalho. Parece existir nas coisas uma propriedade de intercambiar-se em proporções determinadas, como as substâncias químicas combinam-se em proporções fixas. ... (MARX, citado por OLIVEIRA; QUINTANEIRO, 2002: 55)

Marx propôs, como já foi dito, que ação, mais que teoria, era uma necessidade. Por isso construiu leis de desenvolvimento das sociedades, e propôs que os trabalhadores desalienados fariam a revolução e institucionalizariam a ditadura do proletariado, abrindo caminho para a extinção das classes e do Estado e a implementação do comunismo.

Émile Durkheim

Durkheim foi o primeiro professor universitário de sociologia da história. Diferentemente de Marx, ele acredita que a modificação da sociedade não é dever do estudioso. Este deve somente entender e explicar, sem interferir. Durkheim delimita como objetos da sociologia os *atos sociais*, que são:

“toda maneira de agir fixa ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior; ou então ainda, que é geral na extensão de uma sociedade dada, apresentando uma existência própria, independente das manifestações individuais que possa ter” (DURKHEIM, citado por QUINTANEIRO, 2002: 69).

As consciências dos indivíduos que compõem uma sociedade geram, em conjunto, uma *consciência coletiva*. Isso é a sociedade: “o mais poderoso feixe de forças físicas e morais cujo resultado a natureza nos oferece.” (DURKHEIM, citado por QUINTANEIRO, 2002: 69).

Ações individuais, ou não guiados por essa consciência coletiva, segundo Durkheim não são necessariamente fatos sociais. Para se analisar uma sociedade o objeto a ser estudado deve ser o todo, e a consciência coletiva, não os indivíduos.

Fatos sociais menos consolidados são chamados *maneiras de agir*, os mais *maneiras de ser*. Para Durkheim os fatos sociais são externos aos sujeitos. Para provar isso Durkheim demonstra como as crianças são educadas desde pequenas a agir de determinadas maneiras, e a internalizar maneiras de ser. Passam por uma *socialização* metódica.

Se existe necessidade de educação para que essas regras se firmem no indivíduo elas são, por definição, externas: “... as práticas seguidas na profissão etc. funcionam independentemente do uso que delas faço.” (DURKHEIM, citado por QUINTANEIRO, 2002: 71).

Uma das expressões do fato social é a *representação coletiva*. As representações coletivas são a maneira “como a sociedade vê a si mesma e ao mundo que a rodeia”, segundo Durkheim. É dessas representações que vêm os conceitos e os valores de uma sociedade.

Durkheim considera que o sociólogo deve tratar os fatos sociais como *coisas*, ou seja, como elementos que ele desconhece, e que devem ser investigados como algo que não é natural para ele.

Há duas consciências, que formam um ser social: a consciência individual, que se relaciona somente com a própria pessoa, e a consciência coletiva, que é o sistema de sentimentos, idéias e crenças que a sociedade imputa no indivíduo, que já foi citada anteriormente. Como também havia sido dito:

... a consciência moral da sociedade não é encontrada por inteiro em todos os indivíduos e com suficiente vitalidade para impedir qualquer ato que a ofendesse, fosse este uma falta puramente moral ou propriamente um crime ... (DURKHEIM, citado por QUINTANEIRO, 2002: 78).

A divisão do trabalho implica em uma redução da parcela que cabe à consciência coletiva na consciência total do ser social, dando mais liberdade para o desenvolvimento da personalidade. Isso, no entanto, não diminui a coesão. A *solidariedade social*⁴ se torna mais forte, já que os diferentes se atraem e completam.

Essa é a *solidariedade orgânica*⁵. Os membros da sociedade têm tarefas bem definidas e, portanto, uma esfera própria de ação. Integra-se, então, o corpo social através da divisão do trabalho.

Durkheim usa o direito como principal indicador do tipo de solidariedade predomi-

⁴Mecanismos que evitam a desintegração da sociedade, instrumento de inclusão social

⁵Ou *solidariedade derivada da divisão do trabalho*

nante em uma sociedade. Em sociedades complexas, com alta divisão do trabalho o direito *restitutivo* se sobrepõe ao direito *repressivo*. As regras, em uma sociedade tão extratificada, valem para círculos especiais da sociedade e seu descumprimento não fere o corpo social como um todo, comumente.

Adicionalmente, Durkheim acrescenta a seu método sociológico a análise combinada de fatos sociais para entendimento de fatos relacionados.

Um conceito muito importante na teoria de Durkheim é o de *moral*⁶:

Moral (...) é tudo o que é fonte de solidariedade, tudo o que força o indivíduo a contar com seu próximo, a regular seus movimentos com base em outra coisa que não os impulsos de seu egoísmo, e a moralidade é tanto mais sólida quanto mais numerosos e fortes são estes laços. (DURKHEIM, citado por QUINTANEIRO, 2002: 88)

A falta de regras morais cria a *anomia*. Para Durkheim, na sociedade de seu tempo, a religião estava perdendo, tanto quanto o Estado, força de integradora, e muitos indivíduos estavam desamparados. Para suprir essa carência, aumenta a necessidade da consolidação de uma moral profissional mais forte e presente.

Influenciado pelo positivismo, Durkheim consegue firmar bases sólidas e métodos consistentes para a análise sociológica.

Max Weber

Weber é até certo ponto influenciado por Marx no seu pensamento. Mas Weber é bem mais cuidadoso quanto à questão do juízo de valor aplicado à ciência. Segundo ele o tema é escolhido por um cientista baseado em seus valores e ideais, mas o cientista deve saber distinguir entre reconhecer e julgar.

Outra diferença marcante é que Weber, ao contrário de Marx e Durkheim, não acredita em leis gerais sobre a sociedade:

a) o conhecimento de leis sociais não é um conhecimento do socialmente real, mas unicamente um dos diversos meios auxiliares que o nosso pensamento utiliza para esse efeito e, b) porque nenhum conhecimento dos acontecimentos culturais poderá ser concebido senão com base na significação que a realidade

⁶Pode ser definida como “um sistema de normas de conduta que prescrevem como o sujeito deve conduzir-se em determinadas circunstâncias” (DURKHEIM, citado por QUINTANEIRO, 2002: 93)

da vida, sempre configurada de modo individual, possui para nós em determinadas relações singulares. (WEBER, citado por BARBOSA; QUINTANEIRO, 2002: 111)

Para entender as especificidades das sociedades, em uma ciência generalizadora, como a Sociologia, é necessário a definição, pelo cientista, de instrumentos que orientem a investigação de *conexões causais*⁷: o *tipo ideal*.

Um conceito ideal é normalmente uma simplificação e generalização da realidade. Partindo desse modelo, é possível analisar diversos fatos reais como desvios do ideal:

Tais construções (...) permitem-nos ver se, em traços particulares ou em seu caráter total, os fenômenos se aproximam de uma de nossas construções, determinar o grau de aproximação do fenômeno histórico e o tipo construído teoricamente. Sob esse aspecto, a construção é simplesmente um recurso técnico que facilita uma disposição e terminologia mais lúcidas. (WEBER, citado por BARBOSA; QUINTANEIRO, 2002: 113)

Durkheim tem como instrumento principal de análise o fato social, como já vimos. Podemos considerar que, para Weber, o foco de análise se encontra na *ação social*. A ação social é qualquer conduta humana que se oriente pela expectativa da ação de outrem, ou que dela derive.

As ações, e suas regularidades devem ser observadas. Entender uma ação, para Weber, significa entender sua *conexão de sentido*⁸. Weber define, então tipos ideais, para servirem de modelo na análise: a *ação racional com relação a fins*, que é executada com um objetivo racionalmente construído, usando meios racionalmente considerados e calculados; a *ação racional com relação a valores*, que é executada com fins últimos como orientadores, mesmo que o objetivo imediato não seja calculado; a *ação tradicional*, que é orientada por tradições e costumes; e a *ação afetiva*, orientada por paixões.

Uma *relação social* é a probabilidade de que cada indivíduo participante de uma conduta plural orientará sua própria conduta baseado na probabilidade de que os outros agirão socialmente dentro das suas expectativas. As convenções sociais e o direito constituem relações sociais.

⁷Para Weber, é necessário entender os atos humanos e suas especificidades: o significado que teve para os agentes, o universo de valores adotados por grupos ou indivíduos, entre outras e suas relações.

⁸Ou seja, seu significado subjetivo, o fator que orientou a ação

A reciprocidade da relação social não significa, necessariamente, uma conduta igual, ou de mesmo tipo. O que existe é uma compreensão recíproca do sentido da ação.

As relações sociais, são, enfim: “os conteúdos significativos atribuídos por aqueles que agem tomando outro ou outros como referência” (BARBOSA; QUINTANEIRO, 2002: 119).

São elas o substrato que dá sustentação ao que Weber chama de pretensas estruturas sociais: para ele o casamento ou o Estado só existem enquanto houver a probabilidade de que pessoas terão as condutas necessárias para que existam.

Existem relações comunitárias, fundadas num sentimento subjetivo (afetivo ou tradicional) e societárias, que são organizadas racionalmente, baseadas em interesses. A regularidade das ações também dá denominações específicas: usos são ações repetidas por mero hábito, costumes são ações repetidas duradouramente, determinadas por interesses.

Weber é o sociólogo das múltiplas lógicas, das ações e relações sociais, que se preocupa em investigar o mundo sem se deixar dominar por seus próprios valores e opiniões.

Referência Bibliográfica

BARBOSA, M. L. de O. QUINTANEIRO, T. Max Weber. In: QUINTANEIRO, T.; BARBOSA, M. L. de O.; OLIVEIRA, M. G. M. de. *Um Toque de Clássicos*. 2. ed. rev. e amp. Belo Horizonte: UFMG, 2002. p. 106-149. (Aprender).

OLIVEIRA, M. G. M.; QUINTANEIRO, T. Karl Marx. In: QUINTANEIRO, T.; BARBOSA, M. L. de O.; OLIVEIRA, M. G. M. de. *Um Toque de Clássicos*. 2. ed. rev. e amp. Belo Horizonte: UFMG, 2002. p. 27-66. (Aprender).

QUINTANEIRO, T.; BARBOSA, M. L. de O.; OLIVEIRA, M. G. M. de. *Um Toque de Clássicos*. 2. ed. rev. e amp. Belo Horizonte: UFMG, 2002. 159 p. (Aprender).

QUINTANEIRO, T. Émile Durkheim. In: QUINTANEIRO, T.; BARBOSA, M. L. de O.; OLIVEIRA, M. G. M. de. *Um Toque de Clássicos*. 2. ed. rev. e amp. Belo Horizonte: UFMG, 2002. p. 67-105. (Aprender).